

ALGARVE, LIGÚRIA E SUDOESTE SICILIANO. TENTATIVA DE COMPARAÇÃO

Considera-se interessante, do ponto de vista metodológico (com o objectivo de salientar desenvolvimentos possíveis da Geografia regional comparada), expor uma série de reflexões concernentes a três territórios costeiros do ambiente mediterrâneo, entendendo este em sentido lato: o Algarve, a Ligúria e a fachada do Sudoeste da Sicília.

Três áreas de que ocorre desde já evidenciar as diversas posições, tanto em sentido absoluto como relativo. No primeiro, o Algarve e a Sicília situam-se a latitudes comparáveis (à volta de 37° N) mas a Ligúria está bastante mais a norte (quase toda acima de 44°). Em sentido relativo, o principal motivo de comparação depende da situação costeira comum, de que no entanto derivam características bastante diversas: a influência marítima é muito mais pronunciada no Algarve do que no Sudoeste siciliano; na Ligúria, depois da revolução industrial, é sobretudo a vizinhança das grandes áreas industriais da Planície do Pó que define a vocação geográfica e determina os ritmos do desenvolvimento económico.

Convém, contudo, esclarecer estes conceitos. Para a Sicília, no seu conjunto, falou-se justamente de «ambiguidade da sua posição»⁽¹⁾: esteve no centro do mundo na Antiguidade Clássica; foi «cadinho de experiências» e ponto de encontro de gentes e civilizações no tempo dos Árabes e dos Normandos;

⁽¹⁾ Neste aspecto e nos seguintes, veja-se A. PECORA, *Sicília*, Turim, UTET, 1968; veja-se também F. MILONE, *Sicília, La nature e l'uomo*, Turim, Boringhieri, 1960.

tornou-se periférica desde que a descoberta da América desviou as grandes rotas internacionais do Mediterrâneo e ainda mais com a anexação ao estado italiano, onde figura como uma das regiões mais débeis quanto ao desenvolvimento moderno da indústria e da vida social. Tais caracteres agravam-se no Sudoeste siciliano, a parte da ilha mais dificilmente acessível, pior servida quanto a comunicações e sem uma rede urbana suficientemente desenvolvida: o Mar de África — sobre o qual se debruça, parecendo, a um observador superficial, gozar de posição singularmente afortunada —, é hoje apenas percorrido, se exceptuarmos os cruzeiros de turismo, por um único fluxo importante, o dos petroleiros. Este último tráfico, a posição costeira deste tracto siciliano, o seu desejo de industrialização e alguns modestos recursos locais de hidrocarbonetos, atraíram algumas refinarias e indústrias químicas, de que tornaremos a falar pelas suas consequências nos géneros de vida e no desenvolvimento económico e social locais.

No caso do Algarve, conhece-se o esporádico interesse pelas suas costas das gentes do Mediterrâneo, na Antiguidade Clássica: as viagens de Imílcon e de Píteas de Marselha (admitindo que este último ultrapassou as Colunas de Hércules e circum-navegou a Península Ibérica) mostram que somente por ocasião de empreendimentos excepcionais os viajantes do centro do Mediterrâneo chegaram até ao mar algarvio, tal como a outros tractos dos mares do Portugal de hoje. Aquele adquiriu importância, embora bastante limitada, com a romanização, à semelhança da Ligúria, enquanto Roma precisou de estradas seguras para a Gália.

Os testemunhos da colonização latina são escassos no Algarve mas também não são muito numerosos na Ligúria. Se, para o Algarve, é conhecida a passagem de Estrabão, que refere a abundância de sobreiros ao longo da costa e as migrações periódicas do atum em busca dos seus frutos, para a Ligúria vale a pena recordar um extracto análogo, onde se diz que «toda a costa está exposta aos ventos e privada de portos, salvo alguns varadouros e ancoradouros pouco profundos. É dominada por flancos de montanhas excepcionalmente altas, que entre si e o mar deixam apenas uma passagem muito estreita. Os habitantes vivem principalmente dos seus rebanhos, de leite e de uma bebida à base de cevada;

ocupam os territórios litorais, mas sobretudo a montanha. A madeira é o único recurso abundante; o vinho produz-se em pequena quantidade e é resinoso e áspero». Até o azeite devia ser importado da península italiana, como sugere a nave romana, afundada no mar de Albenga, com ânforas contendo precisamente azeite (a cultura da oliveira parece ter sido introduzida bastante mais tarde). Tudo o que se disse sublinha a pobreza duma região em que a agricultura parece ter pouca importância (vinho e trigo são os únicos produtos recordados pela «Tavola de Polcevera» do II século antes de Cristo). Aliás, o mais significativo monumento romano na área ligure é o Troféu de Turbie, construído no tempo de Augusto para recordar a vitória sobre as belicosas populações das montanhas interiores e a sua pacificação.

Todos estes aspectos comuns ao Algarve e à Ligúria, que se situam perifericamente ao mundo clássico, contrastam com a riqueza do povoamento humano, da vida económica e de manifestações da vida de relação da Sicília, em particular da sua fachada de sudoeste, já no VIII século antes de Cristo riquíssima de colónias gregas e objecto de disputa entre Gregos e Líbio-Fenícios de Cartago. Se estes últimos tiveram em vista, quase exclusivamente, localizações de interesse comercial, as colónias dos primeiros eram centros de organização do território envolvente, cuidadosamente explorado pela agricultura. Para a Sicília foram, pois, os séculos anteriores ao século IV a. C. os de maior prosperidade económica e de vida cultural: sob o domínio romano, a exploração dos seus campos, com a ajuda de escravos trazidos da Ásia, tornou-se mais intensa e vasta, devendo fornecer trigo à metrópole e impostos às finanças do estado. Assim, registou-se no decurso do período de romanização a decadência dos centros urbanos, privados de independência política e dos seus termos rurais (*ager*), onde se estruturavam os primeiros latifúndios e onde se começava a difundir o flagelo da malária; mas, inversamente, a crise da vida urbana e a necessidade de obter produções agrícolas mais abundantes permitiram o desenvolvimento da malha do povoamento rural. Não faltam exemplos de residências sumptuosas de proprietários romanos, como a da Piazza Armerina, cujos mosaicos atestam, através de cenas de caça de África, os contactos com a margem fronteira

do outro continente. Tais relações intensas com a África setentrional são comuns à história do Sudoeste siciliano e do Algarve, mas, pelo contrário, são muito menos marcadas no ambiente lígure, obviamente em virtude da maior distância.

Voltemos, porém, ao Algarve. Embora possa parecer paradoxal, só a conquista árabe lhe assegurou uma posição essencial nas relações entre o Magrebe e a Península Ibérica, que não perde valor com a Reconquista, enquanto o estado português parecia seguir o sonho de uma projecção sobre a costa africana fronteira. Os sucessivos acontecimentos históricos asseguraram tal projecção, não através dos fracassos militares mas pelas viagens de exploração e comércio ao longo da costa africana. O século xv foi, sem dúvida, o mais glorioso e provavelmente rico da região algarvia, enfraquecida em seguida pela transferência para Lisboa do tráfico mais lucrativo e pelo assoreamento dos seus portos, quase todos ao abrigo da restinga ou no interior de pequenos estuários. Começou então um longo período de isolamento do Algarve, que só a recente valorização turística fará terminar. Durante muitos séculos o isolamento da região foi agravado por não possuir um vasto *hinterland* rico e economicamente dinâmico: a única actividade do Alentejo, região agro-pecuária deprimida, capaz de reflectir-se positivamente no tráfico dos centros litorais, foi o conjunto de indústrias extractivas do vale do Guadiana, cuja exploração moderna remonta apenas aos meados do último século.

Tal facto sugere uma comparação imediata com a Ligúria, cujas vicissitudes históricas, complexas e fragmentadas, mostram um fervor de actividade marítima e comercial em função de um *hinterland* tanto mais vasto quanto maior era a facilidade de vias de comunicação com a Planície do Pó, e, conseqüentemente, quanto maior foi a força impulsionadora das cidades portuárias. Não foi, pois, por acaso que os maiores centros do litoral da Ligúria surgiram e se desenvolveram em correspondência com as mais baixas depressões da cadeia alpino-apanina: Génova e Savona encontram-se, com efeito, na extremidade de pequenos vales que partem de portelas situadas à volta de 500 m (La Spezia, que não goza de uma situação comparável, foi até ao início dos trabalhos de construção do Arsenal, em 1860, uma aldeia de poucos milhares

de habitantes). Por outro lado, já no século xiii a política de Génova se traduziu numa série de pesadas limitações ao tráfico dos outros centros, reservando para si própria o mais lucrativo comércio do alto mar e impondo o pagamento de impostos a favor da República: esta não foi nunca um estado de relevante extensão territorial e com continuidade espacial, mas foi uma organização económica que concentrava na capital os interesses mais importantes. Este aspecto pode também ser correlacionado com as características do território lígure: fragmentado por uma série de pequenos vales apertados, tornou possível a organização de espaços auto-suficientes, com economia fechada, de subsistência; isto é particularmente evidente nos territórios mais centrais da dorsal alpino-apanina, sobretudo nas áreas periféricas, jamais ligadas à riqueza dos grandes tráficos, mesmo quando estes se desenvolveram em centros e ao longo de estradas que seguem a pouca distância delas.

Entretanto, outras vicissitudes históricas diferenciaram a vida das três regiões que procuramos comparar. Parece-nos inútil recordar que, em oposição à Ligúria, o Algarve e a Sicília foram marcados pela conquista árabe — embora durante períodos de tempo diferentes —, o que teve conseqüências largamente positivas no seu desenvolvimento económico, em parte fruto da introdução de várias plantas cultivadas e da prática da rega; aquelas regiões conservam, pois, elementos da civilização muçulmana que, inversamente, penetraram esporádica e indirectamente na Ligúria. Aos Árabes deveu-se a tradicional subdivisão da Sicília (Val di Mazara, Val di Noto e Val Demone), que persistiu até ao fim do último século. Este período de prosperidade da ilha prolongou-se durante o governo liberal dos Normandos, em cuja corte Edrici escreveu a sua obra geográfica que recorda, entre outros aspectos, a fertilidade do Algarve muçulmano e a riqueza das suas produções.

Entre as actividades florescentes na Ligúria, tal como na Sicília e no Algarve, embora com diversa amplitude e em diversos períodos da Idade Média, sobressai o comércio marítimo, em relação ao qual a ilha italiana mantinha posição privilegiada em virtude da sua posição no centro do Mediterrâneo. Os grandes descobrimentos geográficos perturbaram

a rede das relações comerciais até então activas, o que teve consequências diversas nas três áreas. Elas foram particularmente graves para a Sicília, e sobretudo para a sua fachada de Sudoeste, além disso exposta aos riscos das incursões com origem na vizinha costa africana. No caso do Algarve, vimos como a uma fase inicial de grande desenvolvimento da actividade marítima sucedeu o isolamento, por causa da centralização em Lisboa de quase todo o comércio e das iniciativas financeiras correlativas. Também a Ligúria se ressentiu negativamente da perda — no século XVI — do mais lucrativo comércio. Aqui, na prática, só Génova conseguiu manter um papel de relevo, enquanto cidades como Savona conheceram séculos de decadência; outras localidades situadas mais a poente conservaram ou até acentuaram a sua função portuária, por assegurarem uma saída para o mar ao estado de Sabóia que, nascido como estado alpino, se tornara entretanto um estado do Pó. Em resumo, pode-se dizer, com boa aproximação, que só a abertura do canal de Suez (mais ou menos concomitante com a unificação da Itália) fez sair a Ligúria da estagnação a que a condenaram os Descobrimientos.

Génova registou, porém, uma evolução da sua actividade, pelo menos no aspecto qualitativo, em conexão com particulares situações políticas. Com efeito, no século XVI, a nobreza de Génova afastou-se não só do governo directo da República mas também da participação activa no comércio, e virou-se para o exercício do crédito e para os investimentos financeiros: estes últimos não tanto no interior mas sobretudo (em confirmação da vocação marítima da cidade) no além-mar, que há já séculos compreendia as margens opostas do Mediterrâneo, entre as quais Sardenha, Sicília, Catalunha e Andaluzia, e então continuava a estender-se para terras distantes ao longo das margens do Atlântico. A história destes investimentos genoveses no exterior da Ligúria só em parte está anotada e também só em parte poderá ser escrita com base em documentos de arquivos, em estudo ou ainda não descobertos, pois que, como é óbvio, eram muitos os canais e os modos que ocultavam ou disfarçavam os movimentos de capitais. Por certo, no que respeita à Sicília, o comércio dos produtos mais lucrativos, como o trigo (cujo cultivo — como se viu — fora difundido no tempo dos Romanos e por certo também

no dos Gregos) e a seda (a amoreira fora introduzida, por sua vez, pelos Árabes), dependia quase exclusivamente, na primeira metade de Quinhentos, de banqueiros de outras regiões italianas, entre os quais não faltavam os genoveses. De resto, nestes mesmos decénios o comércio algarvio tinha já perdido a sua autonomia e estava enfim ligado estreitamente ao meio comercial e financeiro lisboeta, dominado pela nobreza e pelos Cristãos-novos.

Justamente neste período (e já no século anterior) se delineava um contraste radical entre a parte meridional da Itália (incluído o sudoeste da Sicília) e as suas regiões setentrionais. Enquanto estas, libertas das estruturas feudais, se encaminhavam para formas de organização social mais moderna, na Sicília, como aliás no Mezzogiorno, instaurava-se e reforçava-se o regime dos barões, baseado nas grandes propriedades latifundiárias. Para valorizar estas, aqueles tentam às vezes transformar-se em comerciantes. Ao mesmo tempo sucedem-se partilhas de carácter político, com a coroa espanhola, e intervenções financeiras de origem externa na vida económica local, entre as quais (como já sublinhámos) se contam também as de genoveses. Mas a condição da Sicília é de ora em diante a de uma colónia, com acentuada exploração do trabalho humano e uma organização da produção agrícola com base na monocultura e no pastoreio. Nesta conjuntura, a «revolução dos preços» entre os fins de Quinhentos e os princípios de Seiscentos teve consequências negativas para os banqueiros e comerciantes, mas, pelo contrário, valorizou os rendimentos dos barões. Iniciou-se assim o processo de intensificação da cultura de cereais, com novos sistemas de exploração e com fundação de aldeias, vilas e outras aglomerações, que interessou amplamente também o lado sudoeste da ilha, onde uma série de portos foram utilizados para o carregamento e a exportação do trigo, inclusive o proveniente dos planaltos do interior. Embora tenham sido notáveis as quantidades alcançadas pela produção de trigo, não se registam progressos nas técnicas de cultivo, na produtividade dos campos semeados e nem nas condições de vida das massas rurais; as fortunas que a produção permitia eram na maioria dos casos apanágio dos «gabeloti», isto é, intermediários na arrecadação de foros e rendas, em detrimento

dos lavradores. Naturalmente, o prejuízo destes era tanto maior quanto mais os campos se afastavam dos centros de comércio e de exportação, nomeadamente na Sicília do sudoeste: com efeito, nesta foram fundadas, sobretudo no decurso do século XVI, algumas dezenas de aglomerados de planta regular e fisionomia característica, que actualmente ainda conservam, mas nenhum deles tem situação costeira e são pouquíssimos os localizados próximo do mar.

Nada de semelhante se verificava na Ligúria, onde a eventual conquista de novos espaços agrícolas acompanhava o ritmo lento do acréscimo da população das comunas rurais ou ligava-se, na maior parte dos casos, ao sistemático abastecimento alimentar dos habitantes urbanos, designadamente quando da sua evasão para fora da muralha em ocasião de guerras ou de epidemias. A consequência notável, e por certo única, da «revolução dos preços» parece ter sido aqui a grande dilatação dos olivais que, a partir do século XVI, se estendem inclusivamente pelas encostas das colinas do interior, formando aqueles densos bosques que ainda hoje caracterizam vivamente a paisagem da Riviera de poente ⁽²⁾.

Não deve ser então muito diferente a situação do Algarve, onde as necessidades alimentares duma população bastante numerosa, em parte concentrada nos centros que, para a época, se podem considerar urbanos, e a possibilidade de venda dos produtos para o comércio marítimo, tinham introduzido desde há muito, pelo menos na zona litoral, um quadro complexo de apropriação fundiária e de sistemas de exploração agrícola.

Na segunda metade do século XVIII e nos primeiros decénios do seguinte, os motivos de diferenciação acentuam-se sempre com vantagem para a Ligúria. Vizinha da França e dos grandes centros de contacto de homens, mercadorias e ideias da Planície do Pó, aquela conheceu uma acentuada influência da ideologia iluminista e uma ocupação francesa relativamente longa; ambos os factos, percursos de transformações profundas, foram estranhos ou tiveram consequências marginais na Sicília, e com mais forte razão na sua parte de Sudoeste, e no Algarve. Delas salientamos a organização

⁽²⁾ M. QUAINI, *Per la storia del paesaggio agrario in Liguria*, Savona, C. C. I. A., 1973.

do território pela administração napoleónica, que ao mesmo tempo acabou com a República de Génova e criou os departamentos, demarcados no litoral e penetrando bastante em direcção ao interior, até para lá dos altos cimos alpino-apaninos. Por outro lado, visto que a construção de um moderno sistema de estradas mereceu cuidados particulares durante o período francês e durante aquele em que a região pertenceu ao estado subalpino de Sabóia, estabeleceu-se o princípio do que viria a ser a «revolução dos transportes». A Ligúria conheceu desde os meados do século XIX, como saída marítima da Planície do Pó, o primeiro surto industrial, rápido e vultoso com a unificação política italiana (que fez gravitar directamente em torno de Génova, agora sem a barreira duma fronteira política, uma grande parte da Lombardia) e, depois, com a abertura do canal de Suez, como referimos anteriormente. Aquele foi, com efeito, o período do desenvolvimento das indústrias de base, sobretudo siderúrgicas e metalúrgicas. Este desenvolvimento industrial relaciona-se ainda com as características gerais da economia italiana, importadora de matérias-primas, e com as situações políticas que levaram às duas guerras deste século: na sua sequência surgiu também a expansão de indústrias químicas e petrolíferas.

Nenhum destes fenómenos e processos se verificou no Sudoeste siciliano nem no Algarve. Trata-se, no primeiro caso, de uma região onde, ao longo do tempo, se confirmava, ou antes, se acentuava, a difusão tradicional duma agricultura extensiva, com base nos cereais e no pastoreio, bem evidenciados nas narrações dos escritores da segunda metade do século XVIII ⁽³⁾; estes testemunham, com efeito, como foram poucas e limitadas as manchas de citricultura e até mesmo a presença da oliveira. A situação não mudou nos cem anos que se seguiram e a Unificação de Itália veio acentuar ainda mais a posição periférica desta parte da ilha. As iniciativas industriais, que não são numerosas, concentraram-se em Palermo, Catânia e ainda Messina; embora a vertente virada

⁽³⁾ L. GAMBI, «L'agricoltura e l'industria della Sicilia intorno al 1775, negli scritti del toscano Domenico Sestini, *Scritti geografici pubblicati in onore del prof. R. Biasutti*, Florença, 1958, pp. 101-126.

ao Mar de África não seja destituída de recursos minerais (é aliás mais rica do que as outras partes da ilha), estes continuaram apenas explorados de forma artesanal e para exportação. Na realidade, faltou aqui, como em quase toda a Itália meridional, o processo de evolução económica que, espontaneamente, podia formar uma malha de pequenas e médias empresas, desfrutando das condições naturais com o espírito empreendedor e a experiência do trabalho mecânico em que se filia a grande indústria moderna.

A posição do Sudoeste siciliano, sem portos modernos e eficientes, com uma débil trama de trocas comerciais e uma vida de relação esclerosada, não foi de modo algum valorizada pela política económica do estado unificado, nem pelas novas correntes de tráfico que animaram no último século as relações através do Mediterrâneo. As medidas adoptadas pelo Estado, ao favorecerem as indústrias do Norte, provocaram a crise e o desmantelamento das do Sul, nomeadamente das da Sicília. Os decénios de grande acréscimo demográfico foram também aqueles em que os mercados internacionais foram fechados aos produtos da sua agricultura (como medida alfandegária de política económica), com consequente desvalorização dos mesmos. Uma vez mais, a depressão foi particularmente sentida no Sudoeste da ilha, que permanecia assim uma terra de vocação agrícola, associando embora a pesca (pelos recursos ícticos consideráveis do mar vizinho, embora com dificuldades de comercialização do peixe) e tradicionais actividades extractivas. Em suma, uma região de estrutura económica prevalentemente primária e população forçada à miséria ou à emigração, não obrigatoriamente transoceânica (sonho dos mais afortunados), pois muitas vezes os emigrantes atravessavam clandestinamente o mar vizinho e acomodavam-se às mais humildes ocupações na próxima costa tunisiana, na dependência de colonos franceses.

A comparação com o Algarve deve ter em conta que, em todo o território português, a «revolução industrial» e a evolução tecnológica moderna foram mais lentas e tardias do que nos outros países europeus, apesar de algumas tentativas caprichosas de renovação na segunda metade do século XVIII e, no século seguinte, dos esforços de modernização do regime liberal. Consequentemente, não surpreende encontrar-se na

área mais meridional de Portugal a prolongada sobrevivência de arcaísmos que são comparáveis aos da ilha italiana, embora com aspectos diversos. A principal diferenciação das condições locais, tanto no passado como actualmente, deve-se à oposição entre a Serra xistenta, coberta de charnecas até aos primeiros decénios do século XX, o Barrocal calcário, que parece ter conhecido um processo de densificação do povoamento e de colonização agrícola remontando a um passado distante, provavelmente ao fim do século XVII, em correlação com a decadência dos centros costeiros; e, enfim, a faixa litoral que, exceptuando a fundação setecentista de Vila Real (ao mesmo tempo símbolo do prestígio nacional e das novas ideias de política urbanística e económica que se afirmavam mas que só em pequena parte foram realizadas), teve de esperar pela segunda metade do século XIX para registar sinais de renovação, nomeadamente através da valorização dos produtos ícticos (em resposta à procura da indústria de conservas) e dos da agricultura regada (graças ao caminho-de-ferro que, nos fins do século, ligou Faro a Lisboa).

À semelhança da Sicília, a pressão demográfica do Algarve aumentava, entretanto, bastante rapidamente — a população duplicou nos primeiros três quartos do último século e manteve o ritmo nos primeiros decénios do século actual, se exceptuarmos o intervalo intercensitário 1911-1920. É, pois, natural que se tenha repetido aqui o fenómeno emigratório referido para a Sicília, embora com menor amplitude, bem como correntes clandestinas análogas, em direcção à costa africana (a de Marrocos, neste caso). O fluxo contínuo de navios e de tráfego comercial que, após a abertura do canal de Suez, se estabeleceu, no sentido este-oeste, através do Mediterrâneo, percorria as águas do canal da Sicília e — depois do estreito de Gibraltar — aproximava-se do litoral algarvio e da parede calcária do cabo de S. Vicente, mas não trouxe qualquer riqueza nem ao Sudoeste da ilha italiana nem à região mais meridional de Portugal, cujos portos não respondiam às exigências do movimento marítimo moderno. Vila Real de Santo António, pelas modestas exportações do minério de S. Domingos, recordava a função de Porto Empedocle, que servia a área produtora de enxofre; Portimão e Olhão, com as suas actividades piscatórias e uma vida urbana e comercial

que permaneceu com dimensão humana, podiam comparar-se a Licata e Sciacca, cidadezinhas tranquilas, cujo ritmo de vida reflectia os longos ritmos da natureza. Lá, como aqui, por volta de 1950, o turismo era ainda desconhecido ou quase: um turismo de *élites*, atraídas à Sicília pela sua riqueza arqueológica, pela beleza das paisagens e pela suavidade do clima; estes últimos motivos eram também os que atraíam os poucos forasteiros que iam ao Algarve.

Porém, nesta época, a Ligúria entrara já na fase recente, que se prolongou até hoje e que se pode definir pelo congestionamento da ocupação humana: congestionamento de instalações industriais e concentração do povoamento ao longo do litoral, a que se juntou o recente *boom* do turismo e das residências secundárias; as «deseconomias» resultantes preludivam uma crise, já sensível nalguns sectores económicos e nalgumas áreas.

Antes de se falar das situações e dos problemas hodiernos ocorre chamar a atenção para algumas bases físicas, sobre que se puderam estabelecer as semelhanças (ou as diferenças) entre as três regiões. Em primeiro lugar, a diferença de extensão: a Ligúria, ultrapassando cinco mil quilómetros quadrados, é ligeiramente superior ao Algarve; o Sudoeste da Sicília não tem qualquer limite nítido, administrativo, humano ou físico; tendo em conta a fachada sujeita à influência do mar de África — critério que também levanta problemas, pela irregularidade com que tais influências marítimas penetram no interior —, o Sudoeste compreende, na sua quase totalidade, as províncias de Agrigento e Ragusa, uma larga parte das de Trapani e Caltanissetta e retalhos exíguos das de Enna e Catânia, ou seja, cerca de sete mil a sete mil e quinhentos quilómetros quadrados, com aproximação por defeito.

Trata-se, nos três casos, de territórios voltados para o mar e delimitados interiormente por montanhas, como as define O. RIBEIRO ⁽⁴⁾: tiras mediterrâneas, portanto. Mas também neste caso não faltam distinções introduzidas pelo

relevo. O Algarve ordena-se numa sucessão de terrenos e de aspectos morfológicos, de acordo com a bem observada distinção entre Serra, Barrocal e Litoral; embora os relevos da Serra não tenham nem altitude nem vigor relevantes, a sua distinção em relação ao resto do território é bastante nítida e foram individualizados pela ocupação humana.

Bem diferente é o caso da Ligúria, onde a cadeia alpino-apanina se aproxima — nas duas extremidades opostas — dos 2000 metros ou os supera; em vários pontos intermédios, cimos a mais de 1000 metros distam apenas 15 quilómetros do mar; à diversidade extrema dos materiais geológicos contrapõe-se, como único factor de unidade, o poderoso vigor dos impulsos orogénicos que dobraram em arco a barreira montanhosa. Apesar das notáveis altitudes, esta apresenta pequenos vales fáceis de seguir e bastantes depressões — como se anotou anteriormente —, pelo que nunca foi grande obstáculo às comunicações e aos contactos entre as gentes, o que permitiu que a Ligúria sempre se tenha projectado na Planície do Pó, valorizando assim a sua posição no litoral. Também diferente é o Sudoeste siciliano, onde a retalhos costeiros de aluvião sucede uma plataforma quase nada ondulada, de níveis marinhos de perfil tabular. Mais no interior (estendendo-se pela maior parte da ilha) aparece uma série infinita e desordenada de pequenos relevos e colinas; a altitude varia entre 400 m e 600 m; os terrenos são predominantemente argilo-margosos, com afloramentos frequentes de materiais areníticos; a erosão, através de numerosíssimos desmoronamentos e contínuos deslizamentos, plasmou uma paisagem de lombas, cumeeiras, patamares e vales, de linhas amplas e moles; os cursos de água seguem depressões bastante abertas (o que facilita — em correspondência, precisamente, com os mais importantes — a penetração para o interior das massas de ar marítimo, embora não de modo regular) e fragmentam o território numa série de bacias hidrográficas de escassa importância; só na parte ocidental, para lá do Platani, emergem das colinas deste tipo massas calcárias de perfis rígidos e rochedos escarpados; em oposição, na extremidade de Sudeste, outros terrenos calcários formam as plataformas uniformes dos Montes Iblei (que quase alcançam os 1000 m); nestes últimos ambientes, dada a natureza da rocha, os efeitos

⁽⁴⁾ O. RIBEIRO, *Mediterrâneo. Ambiente e Tradição*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1968.

sísmicos são mais desastrosos. Com efeito, uma certa sismicidade é característica comum às três regiões estudadas, e a ela se devem os casos de centros reconstruídos com estrutura regular, por vezes sobre as ruínas dos mais antigos mas mais frequentemente à sua margem ou a certa distância. De qualquer modo, em oposição à Ligúria e ao Algarve, o Sudoeste da Sicília não tem conformação orográfica original que seja capaz de o individualizar. Através dos relevos e das colinas da Sicília central as comunicações foram e são bastante mais difíceis do que na montanha da Ligúria; quanto às dificuldades de ligação, pode-se por certo estabelecer um confronto com o Algarve em relação ao Alentejo, embora com a diferença de, neste caso, a conjugação de uma tradição cultural e de uma barreira orográfica ter dado originalidade à região, que pelo contrário falta completamente no Sudoeste da Sicília.

As características do clima e da vegetação, ressentindo-se da latitude, evidenciam uma maior afinidade entre o Algarve e o Sudoeste siciliano do que em relação à Ligúria. Esta última, protegida pela barreira montanhosa, tem todavia condições climáticas bastante amenas (e, por outro lado, no Verão, escapa ao afluxo directo de massas de ar africanas), o que tem o seu peso na fortuna turística da região. Graças à suavidade dos Invernos, na Sicília de sudoeste como no Algarve, os sistemas de aquecimento das casas são pouco habituais ou de potência extremamente limitada, o que pode explicar reumatismos e artritismos na população da Sicília em proporção comparável à da Lombardia húmida. Aliás, o hábito de um aquecimento escasso, elemento da tradição mediterrânea, existiu na Ligúria até aos anos cinquenta; só a difusão das comodidades modernas, particularmente nítida nas cidades, e, a partir destas, a irradiação de modelos de vida urbana por toda a região, além da invasão de gente da Planície do Pó, em muitos casos idosa, com a multiplicação das residências secundárias, apagaram recentemente aquele hábito.

Este texto tornar-se-ia indubitavelmente muito vasto se considerássemos com o devido pormenor a presença humana e as actividades económicas. Basta, todavia, salientar as diferentes densidades de população: quase 350 habitantes por km² na Ligúria, valores oscilando entre 130 e 160 no Sudoeste da Sicília e pouco superiores a 50 no Algarve. Além disso,

são também diversas a distribuição e os tipos de povoamento. O Algarve e a Ligúria têm de comum a concentração da população ao longo da fachada costeira, mas a pressão demográfica diminui bruscamente apenas percorridos poucos quilómetros no sentido do interior. Inversamente, no Sudoeste da Sicília a população escasseia ao longo do litoral (e concentra-se em centros grandes mas pouco numerosos), mas adensa-se na faixa interior, entre 200 m e 500 m de altitude, lá onde os moradores podiam dominar os acessos ao mar mas sem a exposição aos possíveis perigos vindos através dele (e sem a malária das planícies costeiras); densidades relativamente altas são também características de quaisquer áreas mais internas e mais elevadas, ricas de recursos mineiros ou cujos relevos ofereceram sítios favoráveis a centros que nasceram em função das necessidades de defesa ou para vigiar e governar o campo circundante.

Um exame mais aprofundado da malha do povoamento permite, porém, evidenciar outras diferenças. O Algarve não conhece nem a continuidade quase perfeita do povoamento do litoral ligure nem o peso de uma metrópole de mais de 800 000 habitantes, como Génova, e nem sequer a presença de cidades como La Spezia e Savona, que com os subúrbios ultrapassam ou aproximam-se dos 100 000 habitantes. O povoamento disperso e denso da planície mais fértil do Algarve litoral — onde sobrevive uma agricultura especializada que mantém ainda considerável importância em relação aos outros rendimentos locais — constitui um outro motivo de diferenciação. Na Ligúria, porém, o povoamento disperso limita-se a poucas planícies aluviais, como a de Albenga, ou a retalhos de floricultura, e sofreu ou está sofrendo uma evolução paralela à da agricultura, com concentração nos poucos lugares onde eram possíveis produções especializadas e de alto preço, não isentas hoje de sintomas de crise, pois mesmo a floricultura teria, por certo, perdido já a sua posição na economia regional se não fosse a chegada de mão-de-obra imigrada do Mezzogiorno.

No Sudoeste da Sicília o povoamento disperso é raro, e mesmo nos retalhos ocupados por sistemas intensivos de utilização do solo (por exemplo, na área vitícola de Vittória), os edifícios rurais são utilizados — na maior parte — apenas estacionalmente, como para a produção de vinho; também

onde a propriedade é muito dividida, o proprietário que possui apenas um ha, subdividido em várias parcelas dispersas e distantes entre si, não têm qualquer interesse em estabelecer-se numa delas, já que em relação às outras a residência torna-se ainda mais excêntrica do que num centro compacto. Logicamente, as «masserie», «pequenos fortes no meio dum campo vazio, pilares ou fulcros dum latifundismo de tipo medieval»⁽⁵⁾, onde apenas vivem permanentemente duas ou três famílias de caseiros (ou somente uma) e em certos períodos do ano algumas dezenas de assalariados, têm ainda um papel importante na malha do povoamento periférico; todavia, conhecem já hoje uma certa decadência em relação ao passado e transformam-se quase sincronicamente com a fragmentação do latifúndio. Somente nas áreas onde a divisão dos latifúndios e a dispersão das residências remontam ao fim do século XVIII, como por exemplo sobre as mesas pliocénicas de Caltagirone, as casas dispersas pelos campos são relativamente densas; estas apresentam, aliás, estruturas bastante simples e lembram nalguns aspectos as casas do Algarve calcário; as formas, tão numerosas na Ligúria, de casas de encosta, aproveitando o declive do terreno através de dois pisos, encontram-se apenas em poucos concelhos montanhosos e isolados (por exemplo nos Montes Iblei), tal como no Algarve se encontram na área intrusiva da serra de Monchique. Por certo faltam no Sudoeste siciliano os pequenos lugarejos, de poucas famílias de cultivadores do campo, que são característicos de alguns retalhos da Ligúria e remontam forçosamente a um dos mais remotos períodos de colonização das encostas das colinas e da montanha; trata-se de um tipo de povoamento também difundido no Algarve, não obstante apresentar aspectos e importância diversos na serra xistenta, no Algarve calcário e na faixa litoral.

As diferenças entre as três regiões acentuam-se ainda mais quando recordamos que uma antiga tradição leva a parte principal da população agrícola siciliana a viver nos centros compactos que alcançam hoje a dimensão de «cidades rurais». Nestas, as casas dos jornaleiros («viddani») distinguem-se nitidamente das dos «burgisi», quer dizer dos proprietários

cultivadores: por um lado, porque estão reunidas em bairros distintos, mas sobretudo pela simplicidade da sua estrutura, muitas vezes de um único compartimento (as casas dispersas, apenas ocupadas temporariamente, são-lhes quase sempre preferíveis quanto a higiene e salubridade). Nenhum dos centros agrícolas algarvios é comparável a estas «cidades rurais», pois fica muito abaixo delas na dimensão demográfica e não apresenta a morfologia regular característica das suas plantas. Podem-se, contudo, apontar alguns traços de semelhança, na forma das casas, sempre térreas, na simplicidade das construções e na sua disposição debruçada sobre um quintal que se situa nas traseiras. Nada disto tem paralelo na Ligúria, onde as habitações são desenvolvidas em altura, para evitar desperdícios de espaço precioso para as culturas, ou adaptadas ao declive rígido das vertentes.

Os contrastes são extensíveis ao povoamento urbano, isto é, aos centros que têm funções mais complexas. O seu peso demográfico é maior no Sudoeste siciliano do que no Algarve, mas muito mais elevado na Ligúria. Aqui localizam-se exclusivamente ao longo da Riviera; a topografia condiciona o seu desenvolvimento, que vai quase até aos limites físicos da possibilidade de edificar. No Sudoeste da Sicília e no Algarve as cidades e vilas dispõem-se umas junto da costa, nas plataformas que dominam o mar, e outras no interior, nas colinas ou montanhas médias que se levantam do campo envolvente: a posição de «acrópole», tipicamente mediterrânea, é bastante mais frequente na Sicília, pelo que a forma da planta reflecte a aspereza da topografia (como aliás sucede também no Algarve, em relação com relevos e vales bem mais modestos); é no entanto possível que o aglomerado se estenda segundo traçados regulares, o que testemunha, por um lado, uma tradição de «cidades fundadas» e planeadas (análogas a Vila Real) e, por outro, a vontade das gentes insulares de viverem em centros compactos. Esta é uma atitude psicológica antiga e bem radicada: os camponeses que vivem o ano inteiro fora dos centros são chamados «annalori», em oposição aos «mesalori», que apenas se afastam sazonalmente, mas o pri-

(5) A. PECORA, op. cit., p. 186.

meiro termo «tem ainda um certo sentido depreciativo» (6). Daqui derivam consequências negativas e mesmo obstáculos para a realização da reforma agrária: não faltam, na verdade, exemplos de casas dispersas que foram construídas pelos organismos encarregados da colonização mas que hoje estão abandonadas.

Tais diferenças derivam e inserem-se em contrastes nítidos das actividades económicas. A fachada do Sudoeste da Sicília conservou e conserva o seu carácter agrícola, tal como o Algarve; trata-se infelizmente duma agricultura tradicional, de ramos pouco rendíveis (como é o caso da cerealicultura, que faz deste território um mar de trigo em alternância com pastos, frequentemente secos — sobretudo no interior —, e com terras estéreis), a que a população continua votada por não ter outras possibilidades de trabalho e enquanto não ousa seguir o caminho da emigração. Apesar de todas as tentativas de reforma, apesar das múltiplas intervenções financeiras do Estado e da administração pública, permanecem por quase toda a parte os campos abertos, as sementeiras de cereais, ora estremes ora com árvores de fruto intercalares. Os citrinos, que fazem a riqueza de tantos outros lugares da ilha, estão aqui pouco difundidos. Só na parte sueste, na província de Ragusa, se obtiveram resultados proveitosos na implantação e na expansão progressiva de culturas em estufas. Estas têm porém de enfrentar problemas de comercialização, os mesmos que levam os pescadores dos centros litorais a transferirem-se para as águas do mar Ligure, menos rico em peixe do que o seu, mas permitindo, pelos mais altos preços alcançados nos mercados pelas modestas capturas, ganhos mais satisfatórios. Na verdade, na agricultura deste sector, como de outros da Sicília e, de um modo geral, do Mezzogiorno italiano, pesam, conjuntamente com os atavismos históricos, os males habituais do mundo mediterrâneo: instabilidade, *secura*, fragmentação dos quadros geográficos.

Trata-se aliás de males não estranhos à Ligúria e ao Algarve, embora com importância diversa. Mas na Ligúria a agricultura está hoje reduzida a pouca coisa e apenas têm

(6) G. VALUSSI, *La casa rurale nella Sicilia occidentale*, Florença, Olschki, 1968, p. 52.

ainda interesse as flores e hortaliças, que se protegem contra as adversidades naturais com vários sistemas engenhosos; os preços dos terrenos são de tal maneira elevados e a incidência do trabalho do homem é tão alto nestas culturas — quando se compara com os factores do ambiente natural — que se deve antes falar de indústria da produção de flores e de primícias hortícolas. No Algarve calcário remediou-se, desde tempos remotos, a *secura* e a pobreza dos recursos aquíferos pela difusão de árvores mediterrâneas de sequeiro (figueira, amendoeira, oliveira e alfarrobeira); na região litoral, a facilidade de utilização das toalhas freáticas permitiu o cultivo de vastas superfícies com citrinos e hortaliças. Aquelas perderam recentemente parte da sua importância passada, enquanto os da faixa costeira foram valorizados pelas maiores e melhores facilidades de acesso ao mercado lisboeta e, nos últimos anos, também pelo consumo assegurado pelos turistas, embora muito mais modestamente. Por outro lado, a pesca continua a assegurar ao litoral algarvio rendimentos de certa importância: o maior dinamismo deste sector em relação ao do Sudoeste siciliano (recorde-se que o caso da Ligúria é bem diferente) deve-se à continuidade da presença de uma série de fábricas de conservas, capazes de absorver todas as capturas de pelágicos, de dimensão bem mais importante do que as suas semelhantes de Porto Empedocle e de Licata (que permanecem como unidades artesanais).

As estruturas humanas e económicas explicam-nos que o Sudoeste siciliano e o Algarve alimentem correntes emigratórias, enquanto a Ligúria as atrai (e não apenas através da sua indústria). Mas como aos movimentos migratórios (e à busca de promoção económica e social que traduzem) se associa sempre uma selecção das oportunidades de trabalho — partem os que estão em situação pior —, o lugar dos emigrantes sicilianos e algarvios começa a ser preenchido por gente de fora, contentando-se por vezes com salários mais baixos: mulheres tunisianas que asseguram a apanha da azeitona no Sudoeste da Sicília; algarvios da serra para os campos do litoral e, por último, também ajudantes de pedreiros e marítimos cabo-verdianos. Trata-se dum processo idêntico ao registado entre a população da Ligúria, que escolhe as actividades terciárias e deixa o trabalho do campo,

da construção civil ou da pesca aos imigrantes provenientes do Mezzogiorno.

Nestas considerações inserem-se as relativas ao desenvolvimento industrial: de tal maneira a Ligúria está congestionada, à beira-mar ou nas poucas planícies aluviais, que faltando terreno disponível para expansão das empresas existentes e criação de novas, as unidades transferem-se para lá da linha de cumeada, sobre a vertente virada à Planície do Pó; pelo contrário, no Algarve, como no Sudoeste siciliano, a indústria limita-se quase só a poucas iniciativas tradicionais que transformam os produtos da pesca e da agricultura. Contudo, na Sicília fizeram-se algumas experiências de notável interesse: refiro-me aos estabelecimentos do Porto Empedocle, mas sobretudo ao grande complexo petroquímico de Gela. Aproveitando alguns recursos petrolíferos e de gás do interior, foi projectado e realizado um grande complexo que deveria revolucionar a economia e a vida do território vizinho; porém, aquele trabalha actualmente, sobretudo, hidrocarbonetos importados; a ocupação humana induzida é limitada e a revolução dos modos de vida traduziu-se, designadamente, num contraste, muitas vezes doloroso, do ponto de vista social.

Pode-se perguntar se iniciativas semelhantes estão adaptadas ao mundo mediterrâneo, se a implantação de uma grande indústria de base consegue, melhor do que a utilização racional dos recursos naturais, levar o bem-estar onde ele não existe. A discussão insere-se no problema mais vasto do Mezzogiorno italiano e, de uma maneira geral, no do desenvolvimento das áreas deprimidas do Mediterrâneo; é possível que um grande equívoco de base seja alimentado pela ignorância da geografia humana, quer quanto às premissas (utilização da posição mediterrânea por uma política baseada em formas destrutivas de ocupação do solo, como sucede com os hidrocarbonetos, e não sobre trocas e contactos mais intensos entre as diversas costas do mesmo mar), quer quanto à finalidade (industrialização maciça num ambiente que, pela sua fragilidade, não pode suportar, a não ser a custo de graves dissabores, intervenções humanas que ultrapassem demasiadamente a organização tradicional).

As três regiões consideradas, mas sobretudo o Sudoeste da Sicília, mostram sem dúvida que o valor da posição geo-

gráfica pode mudar, até radicalmente, embora através de longos períodos. Com efeito, a fachada africana da ilha perdeu a importância que teve na Antiguidade Clássica, quando albergava grandes cidades e centros de colonização florescentes; a relativa rapidez com que esta decaiu, através da crise e destruição das estruturas urbanas, das incursões dos piratas e da difusão da malária nas regiões costeiras, confirma aliás como, no ambiente mediterrâneo, a organização do território está facilmente sujeita a perturbações profundas e reversivas, pela própria fragilidade dos quadros naturais. Enfim, o caso do Sudoeste siciliano mostra como nem sempre é válido o que parece ser um aspecto característico do resto da ilha e de todo o Mediterrâneo (e que se repete na Ligúria e no Algarve): a oposição entre um litoral fervente de actividade e intensa ocupação humana e um interior pouco povoado e deprimido. Mas as excepções (outras do mesmo tipo podem-se encontrar evidentemente na Sardenha e na Córsega) muitas vezes confirmam as regras gerais...

O turismo pode ser, sem dúvida — especialmente no futuro —, um factor de uniformização das margens do Mediterrâneo. Ligúria e Algarve têm pois de comum o desenvolvimento turístico, mais precoce no primeiro caso, explosivo e recente no segundo. Um estudo actual de C. CAVACO ⁽¹⁾ evidencia as características do turismo da Ligúria, sem dúvida «velho», vulgarizado pela dimensão de massa e pela difusão das residências secundárias; este foi por certo para a região um factor poderoso de urbanização, assim como foi — do ponto de vista económico — um factor de terciarização. O Algarve tem um turismo jovem, de qualidade e de nível internacional que marcou bastante menos as estruturas urbanas; mas bastará esperar alguns anos e as transformações por ele induzidas serão bem evidentes. Assim, enquanto na Ligúria quase sempre se procurou ampliar e urbanizar uma densa malha de povoamento já existente, no Algarve juntou-se a este processo o de criação *ex ovo* de aldeias e centros turísticos, o que torna ainda mais vistosas

⁽¹⁾ C. CAVACO, *Aspetti geografici del turismo nella Riviera di Ponente (de Finale a Laigueglia)*. Pubblicazioni dell'Istituto di Scienze Geografiche, Università di Genova, XXIII (1974), 152 p.

as transformações. Nada de paralelo se observa no Sudoeste siciliano, onde o turismo é ainda incipiente: permanecem, apesar de várias tentativas, algumas delas prometedoras, as dificuldades tradicionais de acessibilidade, dependentes das condições de ligação por estrada, caminho-de-ferro, avião e barco. Fazem-se, de igual modo, sentir neste aspecto as consequências das diversas posições geográficas das três regiões consideradas: a fortuna turística da Ligúria, tal como o seu desenvolvimento industrial, deve-se à vizinhança da Planície do Pó; o Algarve deve o seu turismo ao facto de ser acessível à população atlântica do noroeste da Europa, designadamente do arquipélago britânico (à semelhança do passado, o seu único período de prosperidade coincidiu com a época dos grandes descobrimentos, que valorizaram a sua posição debruçada sobre o oceano e virada à costa ocidental de África e aos arquipélagos tropicais), muito embora, entre a sua clientela, tenha também lugar destacado a residente na Alemanha (jogam, neste caso, as diferentes motivações do turismo moderno); por sua vez, a Sicília submete-se às consequências duma posição exclusivamente mediterrânea, excêntrica em relação à Europa, num mundo que não soube reconstituir a unidade deste mar; olhando bem através da história, é esta posição o único factor que pode assegurar prosperidade e desenvolvimento à ilha italiana e, com mais forte razão, à sua fachada do Sudoeste.

GAETANO FERRO

RÉSUMÉ

Algarve, Ligurie et Sicile méridionale: Réflexions de géographie régionale comparée. L'auteur essaie de comparer trois régions de climat méditerranéen mais de position géographique différente: l'Algarve et le Sud-Ouest de la Sicile sont à peu près à la même latitude, alors que la Ligurie est plus septentrionale. L'importance de ces différentes positions varia beaucoup au cours de l'histoire. Dès l'Antiquité classique, la Sicile joua un rôle de premier ordre au centre de la Méditerranée tandis que les deux autres régions périphériques (Ligurie et Algarve) n'acquirent une certaine importance qu'après la colonisation romaine.

L'histoire postérieure individualisa mieux les vocations des trois régions, depuis l'occupation arabe — à l'écart de laquelle resta la Ligurie — les explorations, découvertes et commerce du xv^e et xvi^e siècles, le poids du latifundium et de la monoculture (dans le cas de la Sicile)

jusqu'à l'influence de l'illuminisme et à celle de l'occupation napoléonienne (cas de la Ligurie).

Outre les différences climatiques, la diversité géologique et les conditions géomorphologiques sont aussi mises en évidence. La densité de la population est plus élevée en Ligurie qu'en Sicile et bien moindre en Algarve.

Opposition également sur le plan économique: la Ligurie est congestionnée par les industries et le développement précoce du tourisme y montre aujourd'hui des signes de décadence alors qu'il est en pleine expansion en Algarve. En Sicile, le fait moderne le plus évident correspond à de grandes initiatives industrielles d'origine gouvernementale. On peut se demander jusqu'à quel point de telles initiatives sont compatibles avec les traditions et les limitations du monde méditerranéen.

SUMMARY

The Algarve, Liguria and south-west Sicily: Attempt at a comparison. The author tries to make a comparison between three regions conditioned by the mediterranean climate, though located in different geographic positions; the Algarve and S. W. Sicily are situated more or less on the same latitude whereas Liguria is situated more to the north. The value of the different positions has altered considerably in the past, from classical antiquity, when Sicily played an important role in the centre of the Mediterranean, while the peripheral territories (Liguria and the Algarve) acquired a certain importance only after the Roman colonization.

Later history more noticeably distinguished the vocations of the three regions, from the Arab occupation — which Liguria was spared — to the explorations, discoveries and trade in the xv-xvith Centuries, the consequence of latifundia and monoculture (in the case of Sicily), to the influence of Illuminism and the Napoleonic occupation (in the case of Liguria).

Besides the difference in climate, the various geological compositions and different geomorphological conditions are also presented. Population density is higher in Liguria than in Sicily, and even less in the Algarve.

Equally differentiated is the economic picture, in which Liguria has been suffocated by industries and the untimely development of tourism, which, today, is showing signs of declining, while tourism is growing at a considerable pace in the Algarve. In Sicily the most obvious modern achievement is that of the big industrial ventures, of state origin. On may ask oneself to what extent such ventures are compatible with the traditions and limitations of the Mediterranean world.